

PEDAGOGIA DE PROJETOS E O DESENHO UNIVERSAL PARA A APRENDIZAGEM: DA INTEGRAÇÃO À INCLUSÃO

Cristina Almeida da Silva
Universidade Metropolitana de Santos (UNIMES)
cristinaalmeida1976a@gmail.com

Mariângela Camba
Universidade Metropolitana de Santos (UNIMES)
mariangela.camba@unimes.br

INTRODUÇÃO

Pensar no contexto da pedagogia de projetos, criada por John Dewey (1859-1952) – evidenciando-a como uma forma de incluir e não somente integrar todos os estudantes, sejam eles com ou sem deficiência –, pode nos levar a redimensionar ações efetivas da escola de forma equitativa, pois ainda nos dias de hoje, é um grande desafio para os sistemas de ensino regular estruturar medidas que se conduza ao verdadeiro papel da inclusão permeada por um ensino de qualidade.

Ainda vivemos um modelo social positivista e excludente, que justifica o fracasso do aluno por meio da concepção *clínica definitiva*, rotulando suas deficiências e limitando suas potencialidades, sendo necessário, no decorrer deste artigo, objetivar um modelo urgente de escola que se adéque às diversas formas de aprender dos educandos, trazendo à tona abordagens, como o desenho universal para a aprendizagem, que desmistifica um currículo único e inflexível, propondo ações didáticas de aprendizagem diversificadas, considerando as singularidades de cada um.

A partir de estudos bibliográficos, apresentamos um modelo de escola inclusiva e não integrativa, trazendo à tona essas diferenças, mediados por uma proposta estereotipada no projeto político-pedagógico, com base na pedagogia de projetos, potencializado pela importância da gestão participativa, evidenciando as diferenças entre integração e inclusão, a respeito das quais refletiremos no decorrer deste artigo. As análises propostas nos levam para um único caminho: respeitar e protagonizar as variadas formas de aprender dos nossos estudantes, com base nos preceitos de uma educação para todos, trilhando caminhos precedidos pelo respeito à diversidade.

A PEDAGOGIA DE PROJETOS NO CONTEXTO DA INCLUSÃO

Tomando como referência o marco conceitual apresentado por John Dewey sobre o contexto da Escola Nova, a metodologia de projetos surgiu com o ideal de que para o autor, “A educação é um processo social, é desenvolvimento. Não é preparação para a vida: é a própria vida.”¹ Nesse sentido, não só Dewey, mas também seu discípulo William Kilpatrick (1871-1965) também propõe um modelo de escola com práticas baseadas nas experiências sociais, onde a resolução de problemas dá início ao processo da pesquisa, interligando as disciplinas, sem fragmentá-las, sendo o aluno proativo e dinâmico.

Com base nessa perspectiva, a junção entre as áreas de conhecimento estimula a aprendizagem significativa, favorecendo a inclusão de todos os alunos nesse processo. Dentro dessa ótica, é preciso desmistificar a ideia que os educandos precisam acompanhar um currículo único com disciplinas isoladas e que, o aluno com deficiência precisa ser trabalhado conforme a *certificação de laudo imposta pela medicina* – focando na ideia de que a deficiência é que será o determinante, limitando atividades adaptadas aos alunos, conforme o CID apresentado. Dessa forma, Rosita Carvalho (2008, p. 26) afirma que não se pode classificar sujeitos relacionando o modelo médico e o modelo social, marcando o indivíduo e categorizando a sua deficiência.

A autora destaca que, por um lado o modelo médico enfatiza a patologia, veiculando práticas conforme a rotulação da deficiência, e o modelo social se evidencia pela “logicidade”, a qual deveria levar em conta as potencialidades do indivíduo e como a sociedade deve se organizar para incluí-lo em sua totalidade. Nessa correlação, os estímulos cognoscitivos são diferentes, e um pode vir a ter mais autonomia e preparo para a vida do que o outro, que pode ter sido menos estimulado (CARVALHO, 2009, p. 53).

O DESENHO UNIVERSAL MEDIADO PELA PEDAGOGIA DE PROJETOS: UMA PROPOSTA DE EDUCAÇÃO INCLUSIVA

Pesquisadores norte-americanos (MEYER; ROSE; GORDON, 2014) estruturaram a proposta chamada *universal design for learning* – adotada de forma traduzida para *desenho universal para a aprendizagem* (DUA) –, usada a partir dos

¹ Coleção Educadores MEC, Fundação Joaquim Nabuco/Editora Massangana, 2010.

anos de 1990, com pesquisas recentes sobre essa temática (PRAIS, 2016). Inicialmente, a ideia era protagonizada em questões de acessibilidade (estrutura física), voltando-se também para os aspectos da aprendizagem, difundindo-se para o desenho na estruturação do ensino, bem como potencializar a flexibilização do currículo, buscando recursos que pudessem vir a projetar a qualidade do ensino numa perspectiva inclusiva.

Nessa mediação do planejamento de ensino, com uma didática flexível, as barreiras para a aprendizagem devem ser minimizadas, bem como o processo aprimorado, por meio de ações baseadas na pedagogia de projetos, oportunizando a aprendizagem baseada nos interesses dos estudantes, lançando desafios com etapas flexíveis, promovendo a interação entre os grupos e a busca de respostas para solucionar esquemas significativos para os educandos.

As disciplinas se integram, os conceitos científicos dialogam com perspectivas empíricas e estímulo de participação na busca de resultados problematizados no meio social em que vivem, pode levar nossos estudantes a um processo de inclusão escolar que complementa experiências e fortalece sua autonomia. A proposta didática do DUA busca eliminar barreiras para a aprendizagem de todos os estudantes, levando em conta suas características individuais e as necessidades reais do contexto (PACHECO, 2017). Tal constatação se aproxima da metodologia de Dewey (1990); para ele, o desenvolvimento da pessoa passa pelo desenvolvimento da sociedade e vice-versa.

Dessa forma, Nunes e Madureira (2015, p. 133) destacam que a perspectiva do DUA, se articula com uma abordagem curricular, pois:

[...] procura minimizar as barreiras à aprendizagem e maximizar o sucesso de todos os alunos e, nessa medida, exige que o professor seja capaz de começar por analisar as limitações na gestão do currículo, em vez de sublinhar as limitações dos alunos.

Alinhado à pedagogia de projetos, o DUA leva-nos a crer que, por ser uma proposta flexível, considera as necessidades dos estudantes e suas especificidades, significando um ensino que inclui e não exclui, respeitando cada sujeito, potencializando a ideia de acesso aos saberes científicos de forma significativa. Forma-se uma propositura inclusiva, que desnuda e extingue o conceito de uma escola segregadora, de forma a nortear essa missão do projeto político-pedagógico

que será o mediador do processo democrático, envolvendo a comunidade escolar na condução e reestruturação da verdadeira missão de uma escola inclusiva.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Propor um projeto político-pedagógico pautado numa educação para todos por meio de práticas como a pedagogia de projetos, mediada pelos preceitos do DUA, remete-nos à ideia da missão humanística da escola e do verdadeiro papel que a educação deve propiciar aos estudantes com ou sem deficiência.

Considera que o envolvimento da comunidade escolar na construção do projeto político-pedagógico, enaltece a concepção de currículo, pautado na gestão democrática, pois inclui a todos no processo do conhecimento. Humanizar conceitos e problematizar a vida, flexibilizando o currículo e envolvendo de forma epistêmica o alinhamento das disciplinas escolares, em consonância com desafios a serem solucionados pelos alunos, enfatizando novos saberes, desencadeando assim, novas concepções de sociedade, mais justa e equitativa, nessa nova concepção de escola inclusiva, de vida e de mundo.

REFERÊNCIAS

CARVALHO, Rosita Edler. **Escola inclusiva: a reorganização do trabalho pedagógico**. [s.:l.]: Ed. Mediação, 2008.

DEWEY, John. **Educação e democracia**. Paris: Ed. Colin, 1990.

MANTOAN, M^a Teresa Eglér. **Inclusão escolar: o que é? Por quê? Como fazer?** São Paulo: Moderna, 2006.

MEYER, A.; ROSE, D.; GORDON, D. **Universal design for learning (UDL)**. [s.:l.]: CAST, 2002.

PACHECO, José *et al.* **Caminhos para a inclusão: um guia para o aprimoramento da equipe escolar**. Porto Alegre: Artmed, 2007.

PACHECO, D. P. **O ensino de ciências a partir do desenho universal para a aprendizagem**: possibilidades para a educação de jovens e adultos. 220 p. 2017. Dissertação (Mestrado Profissional em Ensino de Ciências) – Universidade Federal do Pampa, Bagé, 2017.

PARO, V. H. **Gestão escolar, democracia e qualidade do ensino**. São Paulo: Ática, 2007.

ZERBATO, A. P. **Desenho universal para a aprendizagem na perspectiva da inclusão escolar**: potencialidades e limites de uma formação colaborativa. Tese (Doutorado em Educação Especial) – Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2018.